

Associação de Mulheres da Gameleira – mestras da Agroecologia e guardiãs da Caatinga



***“Nem a gente acreditava que ia chegar onde chegou”* - Valéria Pereira**

O grupo foi formado em 2009, inspiradas em companheiras do grupo de mulheres de São Miguel, do município de São José do Egito. No início, eram nove mulheres, todas de uma mesma família, que começaram a conversar entre elas, com o propósito de melhorar suas vidas. A maioria não saía de casa, viam o próprio trabalho na produção em seus quintais e roçados, como uma simples “ajuda”, assumiam as tarefas domésticas e seguiam invisibilizadas.

Em 2011, outras mulheres foram se agregando ao grupo, eram vizinhas com vivências e rotinas muito semelhantes e foram estimuladas pelas outras, começando a enxergar o coletivo como um espaço para conquista de autoestima e troca de experiências. Assim passaram a ser 16 mulheres, animando ainda mais a auto-organização e assim, em 2012 decidiram formalizar uma associação, como estratégia para conquistar outros espaços e políticas.

Nesse meio tempo, com a associação estruturada, organizações de assessoria atuantes no território começam uma ação junto ao grupo, iniciando um processo de transição agroecológica, fortalecendo a pauta das relações de gênero e feminismo. A conquista de uma ATER Agroecológica foi de grande importância para esse coletivo. Chegaram projetos de construção de fogões, produção de mudas, implantação de agroflorestas e as mulheres começaram a participar de atividades coletivas tanto na comunidade quanto fora, em outros municípios e até outros estados.

Muitas não falavam, ficavam caladas nos momentos coletivos, porque foram silenciadas por toda a vida e sentiam medo e insegurança. Hoje já se pronunciam publicamente, conquistaram um lugar de fala antes intransponível; romperam uma muralha construída pelo machismo e esse é um elemento estratégico de empoderamento dessas mulheres.



A Associação de Mulheres da Gameleira foi crescendo, se fortalecendo e investindo no potencial da ação coletiva. Até hoje produzem mudas, principalmente de plantas da Caatinga, tanto para seus sistemas de produção, quanto para comercializar e gerar renda. Elas são guardiãs da Caatinga, das sementes crioulas e das nascentes; elas são guardiãs da vida no Semiárido, numa região onde o ciclo das chuvas é irregular, mas elas aprenderam e ensinam a conviver com essa realidade. São referência na resiliência às mudanças do clima, assunto tão falado hoje em dia, mas que elas conhecem há muito tempo.

“Hoje, as mulheres do grupo saem mais, participam, têm voz” – diz Evanice Pereira, liderança da Associação. Os desafios ainda são muitos, mas a transformação vai acontecendo, elas vão conquistando espaço na vida pública e familiar, mudando as relações, especialmente a partir dos filhos e filhas, mas também nas suas próprias vidas, com mais confiança e se sentindo mais valorizadas como resultado do autoconhecimento e da potência de pensar a vida no coletivo, de se apoiar umas às outras.

Evanice também afirma: “a Agroecologia revolucionou nossas vidas”, mas pra chegar até aqui passaram muito sufoco, já foram olhadas com “caras tronchas”, chamadas de loucas, perguntadas se não tinham mais o que fazer para ficar saindo de casa. Mas não se deixaram intimidar, permaneceram firmes no propósito de aprender e ensinar, construir e desconstruir, cair e levantar, erguer a cabeça e dizer “juntas somos mais fortes.”



A Associação, hoje formada por 26 mulheres, é referência de organização, práticas agroecológicas e feminismo camponês. Já receberam dezenas de grupos para intercâmbio, instituições de ensino, pesquisa e extensão que querem aprender com a experiência, viraram matéria de reportagem de rádio, jornal e da grande mídia de televisão. A Agroecologia se tornou parte de suas vidas e hoje pensam e vivenciam um mundo diferente em pleno semiárido, numa demonstração da potência, antes escondida, em cada uma e revelada pela partilha entre mulheres camponesas de grande sabedoria.